



FAMÍLIA BERALDO

30^a A 31^a GERAÇÃO

Terceiro Volume

Copyright © Wanderley Beraldo.
2016 - Todos os direitos reservados.
2023 – Edição Revista

Beraldo, Wanderley.

Família Beraldo: Volume III / Wanderley Beraldo.

1ª.ed. – São Paulo: Clube de Autores, 2016.

2ª.ed. – São Paulo: Clube de Autores, 2023.

Genealogia. Famílias Mineiras.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização do autor. (*Lei nº 9.610 de 19.2.98*)

Contato com o autor:

E-mail: wanderleyberaldo@hotmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/adm.beraldo/>

1. Os nomes com (*) são daqueles que não conseguimos evoluir nas pesquisas e não encontramos a sua ascendência.
2. Os nomes com (#) são daqueles que já foram citados e a numeração indica onde eles foram inseridos pela primeira vez.

HERDEIROS DAS SERRA DO CARACOL

O presente trabalho não teve e nem tem a pretensão de ser integralmente assertivo, mas foi elaborado através de cansativas pesquisas, que perduraram por algumas décadas, com análises de registros escritos, em fontes primárias e secundárias, citadas ao final desse volume e também no contexto de conversas com os mais antigos.

A intenção foi de retratar, ao longo do tempo, a evolução da Família Beraldo, descendente dos povoadores da região de Andradas, antiga (Samambaia, São Sebastião do Jaguary, Caracol), podendo portanto vangloriar-se de ser parte dos verdadeiros herdeiros da Serra do Caracol.

Além de enumerar os ascendentes descobertos nas pesquisas, elaborando uma detalhada árvore genealógica da família, descreve, na medida do possível, as histórias dos personagens.

Sabemos que em tempos antigos, as vezes a realidade se confunde com mitos e tradições, porém, além de ser um atrativo para a curiosidade dos interessados em genealogia, é um retrato histórico e mítico da saga de uma família, através das épocas mais remotas até os nossos dias, perfazendo seus deslocamentos através dos continentes até chegar a região do sudoeste mineiro.

É uma pequena contribuição, em contraposição ao tamanho e a grandeza dessa família.

*Nessas duas gerações são listados **1.206** membros, perfazendo **4.616** nessas 31 gerações.*





TRIGÉSIMA GERAÇÃO

54078 7360. PIETRO DORIA

Nasce entre 1135 e 1193 e morreu em 1224.

De uma desconhecida teve: Niccolò Doria e **Oberto Doria**.

54078 7361. Desconhecida

54081 1944. João Martins de Soalhães

31097 6914

54081 1945. Desconhecida

Pais de **Vasco Anes de Soalhães**

54081 1946. RODRIGO AFONSO RIBEIRO

Nasceu cerca de 1220.

Marido de Urraca Godins de quem teve: Teresa Rodrigues Ribeiro e Inês Rodrigues Ribeiro. E de *Maria Pires de Tavares* de quem teve: **Leonor Rodrigues Ribeiro** e Afonso Rodrigues Ribeiro.

54081 1947. MARIA PIRES DE TAVARES

Nasceu cerca de 1220.

Esposa ainda de Mem Gonçalves da Fonseca de quem teve: Vasco Mendes da Fonseca e Teresa Mendes da Fonseca.

54081 1948. Fernão Gonçalves Chancino

6761 7038

54081 1949. Maior Afonso de Cambra

6761 7039

Pais de **Fernão Gonçalves de Chacim**

54081 1950. Martim Vasques da Cunha

3380 8516

54081 1951. Joana Rodrigues de Nomães

3380 8517

Pais de **Teresa Martins da Cunha**

54081 1972. Martim Fernandes Barreto # 6760 1822
54081 1973. Maria Rodrigues de Chacim # 6760 1823
Pais de **Nuno Martins Barreto**

54081 1974. JOÃO ESTEVES

Nasceu cerca de 1250 em Fundão, Castelo Branco, Portugal. Instituiu um morgado em 1463 em Lagoa, Vila Nova de Famalicão, Solar de Pouve.

Marido de *Fruilhe Lourenço de Valadares* de quem teve: **Maria Annes.**

54081 1975. FRUILHE LOURENÇO DE VALADARES

Nasceu cerca de 1250.

54081 1976. Vasco Martins Pimentel # 16904262
54081 1977. Maria Gonçalves Portocarreiro # 16904263
Pais de **Estevão Vasques Pimentel**

54081 1980. MARTIM MARTINS ZOTE

Nasceu entre 1260 e 1302.

Marido de *Aldonça Gomes* de quem teve: Vasco Martins Zote; Guiomar Martins Zote; **Gonçalo Martins Zote** e Maria Martins Zote.

54081 1981. ALDONÇA GOMES

Nasceu entre 1191 e 1305.

54081 1982. MARTIM AFONSO ALCOFORADO

Senhor da Torre de Alcoforado. Nasceu cerca de 1250.

Marido de *Maria Vicente* de quem teve: **Alda Martins.** E de Maria Ribeiro de quem teve: Pedro Martins Alcoforado, Senhor da Torre de Alcoforado.

54081 1983. MARIA VICENTE

Nasceu cerca de 1250.

54081 1988. GOMES PAIS DE AZEVEDO

Nasceu cerca de 1250 em Portugal e faleceu em 1355 em Portugal.

Marido de *Constança Rodrigues de Vasconcelos* de quem teve: Diogo Gomes de Vasconcelos, cônego na Sé de Braga, abade de Vila Cova; Rui Gomes de Azevedo; **Gonçalo Gomes de Azevedo**; Leonor Gomes

de Azevedo, abadessa de Rio Tinto; Teresa Gomes de Azevedo e Paio Soares de Azevedo.

54081 1989. CONSTANÇA RODRIGUES DE VASCONCELOS

Nasceu em 1275 em Portugal e morreu em 1340.

54081 2000. Martim Vasques da Cunha # 3380 8516

54081 2001. Joana Rodrigues de Nomães # 3380 8517

Pais de **Vasco Martins da Cunha**

54081 2008. AFONSO TELLES DE MENEZES

Senhor de Albuquerque. (Afonso Sanches de Portugal). Infante de Portugal. (O Ataúde). Nasceu cerca de 1289 em Cerva, Ribeira de Pena, Vila Real, Portugal e morreu em Castela e Leão, Espanha, (morto em batalha). Nobre de Portugal, trovador e filho bastardo (posteriormente legitimado) e favorito de Dionísio I o Labrador, teve de Aldonza Rodríguez Talha, e pretendente ao trono português. Foi senhor de Albuquerque, na Extremadura espanhola, tendo construído um castelo, onde depois Inês de Castro viveu durante vários anos. É devido a sua esposa, Teresa Martins, a fundação do Convento de Santa Clara em Vila do Conde, onde ambos estão enterrados. Em 1722, o processo de beatificação deste casamento foi aberto. - Conflito com Alfonso IV: A rainha Isabel de Aragão pedirá ao tribunal todos os filhos do rei, até mesmo os bastardos, proporcionando-lhes a mesma qualidade de educação. Por esta proximidade, e certamente por outras razões, Dionísio dedicou a Alfonso Sánchez uma estima especial, prestes a entregar o ofício de mordomo-mor do palácio, equivalente à posição de primeiro ministro na política atual. O velho rei foi tentado a deixar em um testamento o reino de Portugal para seu filho favorito. Essa relação provocou um desagrado violento do legítimo herdeiro do trono, o Infante Afonso, o Bravo. O resultado foi uma guerra civil (1319 - 1324) entre pai e filho. Apesar das muitas escaramuças, o ponto máximo deste conflito foi a batalha de Alvalade, que terminou com a intervenção da rainha. Com a ascensão de Afonso IV, exilou seu meio-irmão a Castela. O jovem trovador lá tentou manobras políticas e militares para assumir o trono. Depois de várias tentativas fracassadas de invasão, uma das mais importantes foi a de 1326, os irmãos assinaram um tratado de paz, mais uma vez com o patrocínio da

rainha Madre Isabel. Trovadorismo. Como seu pai, Alfonso Sánchez também se destacou como um trovador.

Marido de *Teresa Martínez de Meneses*, senhora de Albuquerque de quem teve: **João Afonso de Albuquerque**, o do Ataúde, 6º senhor de Albuquerque.

54081 2009. TERESA MARTÍNEZ DE MENESES

Nasceu cerca de 1290 em Portugal e morreu em 1350 no Mosteiro de Santa Clara, Maia, Porto, Portugal. [*Doña Terefa de Menefes Senhora de Albuquerque cafo con don Alfonso Sanchez hermano del Conde don Pedro, que efcrivio el libro de los linages y hijo bastardo del Rey don Donis de Portugal el valerofo, por quien fe dixo. O Rey don Donis, que fiz, quanto quis. El qual vuo en doña Aldonça de Sancta Cruz, y fegun otros en doña Aldonça de Sofa. Sus Armas fe veen en la puerta de el Caftillo de la villa de Albuquerque, que el edificô y en las murallas della, que fon en campo de plata vna Cruz, q atravieffa todo el Efcudo, y en ella nueve laqueles cõ cinco Caftillos de oro en campo roxo, y quatro Leones Roxos en campo de Plata, y en los quatro quarteles de el Efcudo, cinco Efcudos de las Reales Quinas de Portugal, que fon azules con Quinas de Plata. Y en la muralla de la dicha villa de Albuquerque fe vee vn letrado, que dize afsi. En El Nombre De Dios Sea Todo Amen. Yo Don Alfonso Sanchez Senor De Este Castillo De Alvorquerqe Comence Es Ta Labor Miercoles A Los Iiii Dias Del Mes De agosto Era De M.CCC.XIIII. Lo Qval Sea Para Servicio De Dios Y De Sancta Maria Sv Madre E Saluamento De Mi Ani Ma E Crecimiento De Mi Honra E Endere Camiento De Mi Fazieda Por Qve Las Cosas Qve A Dios Son Fechas Todas Adelante An De Yre Las Qve Sin El Son Todas Ande Fe Necer. E Por Ende Plazera A Dios Qve Aya Bvena Gloria El Maestro Cantero Qve Hi*].

54081 2010. RUI MARTINS BARBA

Nasceu cerca de 1355 em Vila Verde de Ficalho, Serpa, Beja, Portugal e morreu cerca de 1429. Foi Sr. da casa de seu pai; casou com Iria Martins Alardo filha de Gonçalo Martins Alardo Sr. de Vila Verde, descendente de D. Alardo, Fidalgo Francês que aportou a Lisboa no ano de 1147 e ajudou o Rei D. Afonso Henriques no cerco que pôs aos Mouros na cidade de Lisboa pelo que lhe fez m.ce da dita terra.

Marido de *Iria Martins Alardo* de quem teve: Da. **Maria Bárbara Rodrigues**; Afonso (ou António) Rodrigues Alardo; Fernão Rodrigues Alardo, alcaide-mor de Leiria e Óbidos e Leonor Barba

54081 2011. IRIA MARTINS ALARDO

Nasceu cerca de 1370.

54081 2016. GONÇALO VIEGAS DE ATAÍDE

Senhor da Terra de Ataíde. (Gonçalo Viegas de Athayde). Nasceu entre 1255 e 1315.

Marido de Brites Nunes de Góis de quem teve: Juan de Athayde, camareiro- mor do Infante. E de *Inês Fernandes da Fonseca* de quem teve: **Martim Gonçalves de Ataíde**; Nuno Gonçalves de Ataíde e João Gonçalves de Ataíde

54081 2017. INÊS FERNANDES DA FONSECA

Nasceu antes de 1320.

54081 2292. FREDERICO I DA GERMÂNIA

IMPERADOR DO SACRO IMPÉRIO ROMANO - (1152-1190)

(Friedrich I von Hohenstaufen). (O Barba Roxa). Nasceu cerca de 1122 em Waiblingen, Suábia, Alemanha e morreu em 10 de junho de 1190 em Saleph-Göksu, Anatólia-Anadolu, Turquia, afogado no Rio Saleph na Turquia e foi enterrado em Antakya, Turquia. Também conhecido por Frederico Barba-roxa, Frederico Barbarossa (ou simplesmente o Barbarossa) e sob a forma aportuguesada de Frederico Barba-Ruiva, foi Imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1152-1190), Rei da Itália (1155-1190), e, com nome de Frederico III, Duque da Suábia (1147-1152, 1167-1168). Pertencia à poderosa família dos Hohenstaufen (Staufen). O nome (Barba roxa), forma aportuguesada do italiano (barbarossa) (isto é, barba ruiva) popularizou-se apesar de seu evidente despropósito, pois o significado original é (barba vermelha), devido à longa barba ruiva que ele usava. – Governo: O Sacro Império Romano-Germânico conheceu um momento de esplendor com Frederico I Barba-Ruiva, que conseguiu impor sua autoridade sobre o papado e assegurou a influência alemã na Europa ocidental. No século XIX, foi reconhecido como precursor da unidade do povo alemão. Sucedeu ao seu pai Frederico II da Suábia no Ducado da Suábia, quando este faleceu em 1147. À morte do seu tio, o Imperador Conrado III, foi eleito Rei da Alemanha em Frankfurt, no ano de 1152. Era seu desejo restaurar as glórias do Império Romano, motivo pelo qual decidiu consolidar a

posição Imperial tanto na Germânia como na península Itálica. Inicialmente pretendeu pacificar o país para depois se concentrar na dominação germânica na Itália, para onde o Imperador empreendeu numerosas expedições a fim de cumprir os seus objetivos. A pedido do Papa Adriano IV, foi para a Itália com o propósito de conquistar Roma, então em poder de Arnaldo da Brescia, que foi vencido e capturado. Frederico I foi proclamado, em Pavia, Rei da Itália pelo papa em 1155. Desde o começo de seu reinado desafiou a autoridade papal e lutou para estabelecer o domínio germânico na Europa ocidental. Depois de conquistar Milão, cujos governantes haviam tentado opor-se a ele, Frederico I convocou a Dieta de Roncaglia, para definir e consolidar a Autoridade Imperial na Lombardia. Entretanto, suas campanhas na Itália tiveram a oposição dos Papas e das cidades italianas que tentou subjugar. Em 1159, apoiou a nomeação de um antipapa, Vítor IV, em oposição ao Papa legítimo, Alexandre III, e três anos depois destruiu Milão. Constituíram-se então entre as cidades do Papado a Liga Lombarda e a de Verona, com o propósito de defender-se contra o Imperador. Frederico lutou contra a Liga Lombarda, mas as cidades italianas aliaram-se ao Papa Alexandre III e em 1176 derrotaram o invasor em Legnano. Após a derrota na batalha de Legnano, Frederico I foi obrigado a reconhecer o Papa Alexandre III as pretensões das vilas lombardas aliadas ao Papado, além de assinar a paz de Veneza. Fracassaram assim suas tentativas de apoderar-se do norte da Itália, embora continuasse ameaçando os Estados Pontifícios nos domínios de Toscana, Spoleto e Ancona. Embora o Controle Imperial na Itália tivesse chegado virtualmente ao fim com a derrota em Legnano, Frederico I conseguiu aumentar seu prestígio na Europa Central. Fez da Polônia um Estado tributário do Império, elevou a Boêmia à categoria de Reino e transformou o margraviato da Áustria em Ducado independente com caráter hereditário. Frederico I tratou também de consolidar sua autoridade dentro da Alemanha, opondo-se ao poderio crescente dos Príncipes de seu Império. Em 1180, clero e nobreza o apoiaram na destituição de seu mais poderoso vassalo da Baviera e da Saxônia, Henrique o Leão, castigado por ter-se negado a ajudar na campanha italiana de 1176. Depois de ter abdicado em favor de seu filho mais velho, Frederico empreendeu uma cruzada no Oriente após a tomada de Jerusalém por Saladino (a Terceira Cruzada). Morreu em 10 de junho de 1190, ao atravessar o Sélef (atual

rio Göksu), na Anatólia. – Curiosidades: No jogo Age de Empires II, existe uma campanha em homenagem a Barbarossa, contando desde a fundação do Sacro Império Romano até a sua morte, além de ter dois capítulos sobre a traição de Henrique o Leão (Henrique Welf). No livro Baudolino, de Umberto Eco, ele é um dos personagens principais, sendo pai adotivo de Baudolino, personagem que dá nome à obra. No livro ele não morreu afogado, mas sim assassinado e depois teve o seu corpo jogado no rio.

Casou por duas vezes, a primeira em 1147 com Adelaide de Vohburg de quem não teve filhos. A segunda com *Beatriz de Maçon Borgonha* em 10 de junho de 1156 em Wurzburg, Alemanha de quem teve: Frederico V da Suábia; Henrique VI de Hohenstaufen, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico; Conrad de Hohenstaufen da Suábia; Otão I da Borgonha, conde palatino da Borgonha; **Filipe II da Suábia** ou Filipe de Hohenstauten; Beatriz de Hohenstaufen; Radoprime; Ida von Giechenburg; Sophie de Borgonha; Gisela da Suábia; Konrad von Hohenstaufen, Duque da Suábia e Rothenburg; Renaud da Borgonha; Guilherme da Borgonha e Agnes Von Hohenstaufen.

54081 2293. BEATRIZ DE MAÇON BORGONHA

IMPERATRIZ CONSORTE DO SACRO IMPÉRIO ROMANO

Condessa Palatina da Borgonha. Nasceu em 1143 em Hoch Bourgogne, Marne, França e morreu em 15 de novembro de 1184 em Besançon, Doubs, Franche-Comté, França e foi enterrada em Speyer, Rhineland-Palatinate, Alemanha.

54081 2294. ISAAC II ANGELOS

IMPERADOR DE BIZÂNCIO - (1185-1195 e 1203-1204)

(Ισαάκιος Β' Ἀγγελος). Nasceu em setembro de 1156 em Constantinopla, Império Bizantino, Turquia e faleceu em 28 de janeiro de 1204. - Revolta e subida ao trono: Durante o curto reinado de Andrônico I Comneno, Isaac envolveu-se com o seu pai e os seus irmãos na revolta de Niceia e de Prusa. Atipicamente, o Imperador não o castigou pela deslealdade demonstrada, e Isaac pôde permanecer em Constantinopla. A 11 de setembro de 1185, aproveitando a ausência de Andrônico da capital, Estevão Hagiocristoforites pretendeu prender Isaac. Isaac matou-o e refugiou-

se na catedral de Santa Sofia. O Imperador Andrónico, em muitas dimensões um governante eficiente, era odiado pelos seus esforços para sujeitar a nobreza à obediência e pela sua crueldade. Isaac apelou para a multidão, e rapidamente se espalhou pela cidade um tumulto. À chegada, Andrónico deparou-se com a sua deposição, uma vez que Isaac tinha sido proclamando Imperador. Tentou fugir, mas foi detido e entregue por Isaac ao povo da capital. Andrónico I foi morto a 12 de setembro de 1185. - O primeiro reinado: Isaac II Ângelo reforçou a sua posição enquanto Imperador através de casamentos dinásticos em 1185 e 1186. A sua sobrinha, Eudóxia Angelina, casou-se com Estevão, filho de Estevão Nemanja da Sérvia. A irmã de Isaac, Teodora, casou-se com o marquês italiano Conrado de Montferrat. Em janeiro de 1186, o próprio Isaac contraiu matrimônio com Margarida da Hungria (rebatizada Maria), irmã do rei Bela III. O Reino da Hungria era um dos maiores e mais poderosos vizinhos do império, além do que Margarida tinha a vantagem de ter uma linhagem da mais alta aristocracia, sendo aparentada com as famílias reais da Rússia de Kiev, do Sacro Império Romano-Germânico, da Itália, do condado da Provença e com dinastias bizantinas anteriores. Isaac iniciou o seu reinado com uma vitória decisiva sobre o rei normando da Sicília Guilherme II nas margens do rio Estrímon, a 7 de setembro de 1185, que invadira o império no final do reinado de Andrónico I. Noutros capítulos a sua política não logrou obter tanto êxito. A sua tentativa de recuperar Chipre das mãos do nobre rebelde Isaac Comneno fracassou devido à ingerência normanda. A pesadíssima carga fiscal que impôs para poder custear as guerras e os casamentos da sua família resultou na revolta da Valáquia e da Bulgária, em finais de 1185. Esta revolta conduziu à criação do segundo império búlgaro sob a dinastia dos Asen. Em 1187, Aleixo Branas, o vencedor dos Normandos, foi enviado contra os rebeldes, mas voltou-se contra o Imperador e tentou por sua vez conquistar Constantinopla, apenas para se ver derrotado e morto por Conrado de Monferrat, cunhado do Imperador. A atenção do Imperador foi posteriormente exigida a oriente, de onde surgiram e foram sendo derrotados diversos pretendentes ao trono. Em 1189, o Imperador romano-germânico Frederico I obteve autorização para atravessar o império com as suas tropas durante a Terceira Cruzada. Porém Isaac, que tinha concluído havia pouco uma aliança com Saladino, colocou no seu caminho todos

os obstáculos possíveis, e somente sob a ameaça das armas cumpriu o acordado em 1190. Os cinco anos seguintes foram perturbados pela guerra constante com a Bulgária, contra a qual Isaac comandou em pessoa diversas campanhas. Apesar de terem começado bem, estas iniciativas não tiveram efeitos duradouros e numa ocasião em 1190, Isaac escapou com vida por pouco. Enquanto se preparava para uma nova campanha, Aleixo Ângelo, o irmão mais velho do Imperador, e aproveitando-se da ausência deste numa caçada, fez-se proclamar Imperador e foi rapidamente reconhecido pelos soldados como o Imperador Aleixo III. Isaac foi cegado e preso em Constantinopla. - O segundo reinado: Passados oito anos em cativo, Isaac tornou a ser guindado ao trono imperial com a chegada da Quarta Cruzada aos portões da cidade e a fuga de Aleixo III. Quer o seu corpo, quer o seu espírito tinham sofrido duramente com o cativo, porém, e o seu filho Aleixo IV foi associado ao trono como co-Imperador. Fortemente ligado aos cruzados, Aleixo IV não foi capaz de cumprir as suas obrigações nem para com os seus súditos nem para com os seus aliados latinos, o que o levou a perder o apoio de todos. No final de janeiro de 1204 o influente funcionário imperial Aleixo Dukas (Murzuflus) aproveitou-se do clima de revolta na capital para mandar prender Aleixo IV e fez-se proclamar Imperador como Aleixo V. Foi nesta altura que Isaac II morreu, ao que parece de choque, enquanto que Aleixo IV foi garrotado a 28 ou 29 de janeiro. - Imagem perante a História: Isaac carrega a reputação de ter sido um dos piores governantes de sempre de Bizâncio. Fez-se rodear de uma corte de escravos, amantes e sicofantas, além de ter permitido que o império fosse administrado por favoritos incapazes, enquanto os fundos públicos eram gastos desregradamente em edificações e presentes às igrejas de Constantinopla.

Não se conhece a identidade da primeira mulher de Isaac II, mas o seu nome, *Irene Palaiologina Comneno (Herina)*, encontra-se na necrologia da Catedral de Spira, onde está sepultada a sua filha Irene. (Deve notar-se, porém, que era prática muitíssimo fora do vulgar que mãe e filha tivessem o mesmo nome, a menos que o nome da mãe fosse adotado como entrada desta para um convento.) A esposa de Isaac pode ter pertencido à família Paleólogo, sendo filha de Georgios Palaiologos Komnenodoukas e de Aspae Bagratid. O seu terceiro filho nasceu em 1182 ou 1183 e ela morreu ou divorciou-se de Isaac em

1185, quando este se tornou a casar. Os seus filhos foram: **Irene Angelina**; Aleixo IV Ângelo; Euphrosyne Angelina; Anna-Maria Isaacovna Mstislavich de Bizâncio. Com a sua segunda esposa, Margarida da Hungria (rebatizada Maria) teve: João Ângelo e Manuel Ângelo.

**54081 2295. IRENE PALAIOLOGINA COMNENO
IMPERATRIZ CONSORTE DE BIZÂNCIO**

(Herina, Eirene, Irene Angelos Palaiologos Commena). Nasceu cerca de 1161 em Constantinopla, Turquia e faleceu em 1185 em Constantinopla, Turquia.

**54081 2296. AFONSO II RAIMUNDO DE ARAGÃO
REI DE ARAGÃO - (1162-1196)**

(O Casto, o Trovador). Foi rei de Aragão (1163-1196), conde de Barcelona, Girona, Osona, Besalú, Cerdanha (1162-1196), conde da Provença (1167-1173) e conde de Rossilhão (1172-1196). Nasceu em 1 de março de 1152 em Villamayor del Valle, Huesca, Aragão, Espanha e faleceu em 25 de abril de 1196 em Perpignan, Languedoc-Roussillon, França e foi enterrado em Poblet, Catalunha, Espanha. - Primeiros anos: O seu nome de batismo era Raimundo Berengário (do espanhol Ramón Berenguer), filho mais velho de Raimundo Berengário IV, conde de Barcelona, e de Petronilha, rainha de Aragão. Contudo, reinou como Afonso em homenagem a Afonso I, o Batalhador, seu tio-avô. O seu cognome vem do fato que, segundo os cronistas, não se lhe conheciam filhos fora do matrimônio. Apesar disso, era conhecedor do amor cortês e escreveu poesia, trocando correspondência com importantes trovadores da época, como Giraut de Bornelh. A 30 de Janeiro de 1159, foi acordado o casamento de Mafalda de Portugal, filha do rei Afonso I de Portugal. Mas com a morte prematura desta, a forma de estreitar os laços com o jovem país foi casar Dulce de Barcelona, irmã de Afonso II de Aragão, com Sancho I de Portugal. Com a morte e seu pai em 1162, herdou o condado de Barcelona, tomando posse em 24 de fevereiro de 1163 como conde Afonso I. A 11 de Novembro do mesmo ano a sua mãe abdicou em seu favor do reino de Aragão. Isto fez com que ocorresse a união dinástica do reino de Aragão com o condado de Barcelona, que no século XIII constituiria a Coroa de Aragão. Os seus sucessores seriam por isso intitulados de

condes-reis. Sendo menor de idade, os seus domínios foram governados por uma regência constituída por barões aragoneses e catalães até 1173, quando tomou as rédeas do governo. Em 18 de Janeiro de 1174, Afonso casou-se com Sancha de Castela e Polónia (filha de Afonso VII de Castela), juntando as terras occitanas da Provença, Rossilhão e o Palácio de Jussà. Firmou o Tratado de Cazorla com o seu cunhado Afonso VIII de Castela em 1179, apesar de mais tarde, através do Tratado de Huesca (1191), se aliar com os monarcas de Leão, Portugal e Navarra contra a hegemonia castelhana. - Política occitana: Em 1166, Raimundo Berengário III, conde da Provença, morreu durante o cerco à cidade rebelde de Nice, deixando como única herdeira a sua filha Dulce. Alegando a falta de descendência masculina, a regência aragonesa conseguiu que o condado fosse entregue a Afonso o Casto, primo em primeiro grau do anterior conde. Para conservar a Provença foi necessário combater a revolta dos partidários do futuro cruzado, conde Raimundo IV de Toulouse, na região da Camarga. Em 1167, contando com o apoio dos viscondes de Montpellier, do episcopado provençal e da Casa de Baus, os regentes conseguiram garantir o seu domínio sobre a Provença. Entre 1168 e 1173, Afonso o Casto aproveitou o conflito entre Raimundo V de Toulouse e Henrique II da Inglaterra para, graças à sua condição de aliado do segundo, conseguir a vassalagem de numerosos senhores occitanos. Apesar disto, a casa de Toulouse continuou as suas pretensões pela força, até que em 1176 assinou a Paz de Tarascon com Raimundo V de Toulouse. Este acordo estabelecia que, em troca de trinta mil marcos de prata, Raimundo renunciava às suas pretensões sobre Provença, assim como das regiões de Gabaldá e Carladès. Afonso II fortalecia a sua posição na Occitânia. Depois de firmada a Paz de Tarascon, Afonso II pôde dedicar-se a acabar com uma nova revolta em Nice e a impor-se na região oriental da Provença. Ao dar conta que o condado era uma região afastada de Aragão e da Catalunha, rodeada por possessões do conde de Toulouse, entregou o governo da Provença ao seu irmão Raimundo Berengário, concedendo-lhe o título de conde. Afonso não renunciava assim aos seus direitos, já que Raimundo Berengário IV da Provença regia o condado unicamente como representante do seu irmão. Uma vez asseguradas as suas possessões na Occitânia, Afonso II tomou a decisão de anular a vassalagem da Provença ao Imperador Frederico

Barbaruiva, aceita em 1162 por Raimundo Berengário III da Provença na assembleia imperial de Turim. Deste modo, nem Afonso nem o seu irmão Raimundo estiveram presentes no ato de coroação de Frederico como rei da Borgonha em 1178. E durante o cisma da Santa Sé, Afonso o Casto apoiou de forma inequívoca o papa Alexandre III contra os antipapas promovidos pela facção imperial. Em 1181 a posição da Casa de Barcelona na Occitânia entrou em crise: o conde de Toulouse invadiu as terras do visconde de Narbona e Raimundo Berengário IV da Provença foi assassinado perto de Montpellier. Afonso II nomeou outro irmão seu, Sancho I da Provença, como conde, mas teve de destituí-lo em 1185 por ter realizado acordos ilegais com Toulouse e Genova. No entanto, a situação voltou a ficar favorável aos interesses de Afonso. Por um lado, em 1189, o rei Ricardo Coração de Leão, filho e sucessor de Henrique II da Inglaterra, aliou-se com o conde de Toulouse; por outro lado, Raimundo V não conseguiu vencer a revolta comunal de Toulouse, que se converteu em uma república municipal governada por cônsules. Nesta conjuntura, o Casto pôde assinar uma paz com Raimundo, nos mesmos termos da de 1176, e consolidar o seu domínio desde Nice até ao Atlântico: as possessões de Provença, Millau, Gabaldá e Roerga; vassalagens dos marqueses de Busca em Piemonte e dos viscondes de Montpellier; e o reconhecimento por parte dos condes de Rasés, Carlat, Foix, Bigorre e dos viscondes de Nîmes, Béziers, Carcasona e Bearn de ter os seus domínios sob o feudo do rei de Aragão. Em 1192, depois de voltar da cruzada, Ricardo Coração de Leão aliou-se com Raimundo V de Toulouse contra Afonso II. Este conseguiu fortalecer a suas posições em Languedoc, ao combinar o casamento do seu filho Afonso II da Provença com Garsensa, filha de Guilherme VI de Forcalquier, antigo aliado de Raimundo. A paz de 1195, concertada entre Afonso e Raimundo VI de Toulouse, filho e sucessor de Raimundo V, pôs fim a este conflito sem alterar a correlação de forças entre os poderes constituídos na Occitânia.

- Política peninsular: A Península Ibérica ocupou uma posição política secundária em relação à Occitania durante o reinado de Afonso II. Envolveu-se no jogo político dos reinos cristãos para conseguir a reanexação de Navarra, separada de Aragão desde a morte de Afonso I de Aragão em 1134. Por outro lado, o Casto também dirigiu ataques contra Al-Andalus, com o objetivo de obter tributos ou ganhos territoriais. Em 1162, a regência aragonesa concertou uma

aliança entre Afonso II e Fernando II de Leão para repartir Navarra. Mas em 1168 foi estabelecida uma trégua com Sancho VI de Navarra, e sem o conflito navarrês iniciou-se um ataque contra Castela. Com o fracasso deste, Afonso assinou a Paz Perpétua de Sahagún em 1170 com Afonso VIII de Castela. E, pondo em prática o Tratado de Tudellén de 1156, o rei de Aragão contraiu matrimônio com Sancha, tia de Afonso VIII. O emir moçárabe Ibn Mardanis da taifa de Valência, assediado pelos cristãos e pelos almóadas, convertera-se em tributário de Aragão. Apesar disso, em 1169, a regência iniciou a conquista de Matarraña seguida da ocupação dos territórios a sul de Aragão em 1171 e foi fundada Teruel, base para possíveis ataques contra Valência. Na Catalunha, entre 1169 e 1170 foi preciso reprimir uma revolta sarracena na Serra de Prades. Depois da morte de Ibn Mardanis, em 1172, Afonso II assediou Valência, de onde extraiu uma aliança com o novo emir sarraceno em troca de duplicar o tributo a pagar. Juntos atacaram Xàtiva e Múrcia, de onde retiraram devido a uma incursão de Navarra nas fronteiras de Aragão. A paz de Sahagún de 1170 e a supremacia de Castela, subordinou a atuação peninsular de Afonso II aos desígnios de Afonso VIII. Colaborou na conquista e anexação de Cuenca a Castela (1177), o que bloqueava as possibilidades expansivas de reconquista de Aragão. Em troca, Afonso II só obteve do rei castelhano a renúncia da vassalagem aragonesa para Saragoça, imposta por Afonso VII de Castela a Raimundo Berengário IV. E na negociação da futura expansão em Al-Andalus pelo Tratado de Cazorla (1179), Afonso II cedeu a conquista de Múrcia a Castela, em troca do fim da vassalagem relativa a Valência, depois de conquistada. Entre 1181 e 1186, Afonso II concentrou todos os seus esforços na Provença e no Mediterrâneo onde, para além de negociar sem êxito com o rei da Sicília a organização de uma expedição contra Maiorca, ajudou a Casa de Baus a adquirir na Sardenha o domínio do juizado de Arborea. Quando reiniciou a sua participação nos assuntos peninsulares, o rei de Aragão distanciou-se de Afonso VIII de Castela, que abandonara o acordo de repartir Navarra depois de anexar La Rioja. Também mantinha pretensões territoriais nas fronteiras aragonesas e tinha realizado acordos com Frederico Barbaruiva. Por isso, em 1190, o Casto chegou a um entendimento com Navarra, Leão e Portugal, receosos de Castela. Depois da derrota de Afonso VIII na batalha de

Alarcos (1195), a consistência do avanço mouro como perigo comum a todos os reinos cristãos peninsulares, assim como a influência do papa Celestino II, levou Afonso II a negociar uma ação com Castela contra os muçulmanos que, no entanto, nunca chegou a realizar-se. – Sucessão: No seu testamento, Afonso II dispôs que, quando da sua morte, ocorrida em abril de 1196, os seus reinos seriam repartidos entre os dois filhos: Pedro reinaria em Aragão e Afonso seria conde da Provença, Millau e Gabaldá. Deste modo, para além de dotar um domínio ao seu filho mais novo, o rei sancionou a necessidade de a Provença dispor de um governante próprio. Em 1185, já tinha nomeado Afonso, menor de idade, como conde da Provença, e encarregado o governo provençal a procuradores como Roger Bernat de Foix e Lope Jiménez.

Marido de com *Sancha de Castela* em 18 de janeiro de 1174 de quem teve: **Pedro II de Aragão**, rei de Aragão; Constança de Aragão; Afonso II da Provença; Leonor de Aragão; Sancha de Aragão; Sancho de Aragão; Raimundo Berengário de Aragão; Fernando de Aragão, sacerdote e abade em Monte Aragão; Dulce de Aragão, monja em Villanueva de Sigena. E de Mafalda de Portugal, sem filhos.

54081 2297. SANCHA DE CASTELA

RAINHA CONSORTE DE ARAGÃO

Nasceu em 21 de setembro de 1154 em Villanueva de Sigena, Toledo, Espanha e faleceu em 9 de novembro de 1208 em Jaén, Espanha. Foi uma infanta de Castela e de Leão por nascimento, e rainha consorte de Aragão como esposa de Afonso II de Aragão. Foi a única filha e segunda criança nascida do rei Afonso VII de Leão e Castela e de sua segunda esposa, Riquilda da Polónia. Seus avós paternos eram o conde Raimundo de Borgonha, e a rainha soberana Urraca I de Leão e Castela. Já seus avós maternos eram Vladislau II da Polónia, grão-duque da Polónia e Inês de Áustria. Seu único irmão integral, Fernando, nasceu em 1153 e morreu em 1157. Do primeiro casamento de Afonso com Berengária de Barcelona, era meia-irmã de: Sancha de Castela, rainha consorte de Sancho VI de Navarra; Sancho III de Castela, sucessor do pai; Constança de Castela, esposa do rei Luís VII de França, e Fernando II de Leão, também rei da Galícia. Na data de 18 de janeiro de 1174, a infanta Sancha casou-se com o rei Afonso, conhecido como o Casto ou o Trovador, na cidade de Saragoça, na atual Espanha. A noiva tinha cerca de dezenove ou vinte

anos de idade, e o noivo, dezessete. Ele era filho do conde Raimundo Berengário IV de Barcelona e da rainha Petronilha de Aragão, que abdicou do trono aragonês em favor de Afonso. A rainha Sancha era patrona de trovadores como Giraud de Calanson e Peire Raymond. Ela entrou em um conflito legal com o marido, em relação a propriedades que faziam parte de seus estados de dote. Em 1177, ela se apossou de diversos castelos e fortalezas do Condado de Ribagorça que faziam parte da Coroa. Em 1197, a rainha viúva tornou-se uma freira no Mosteiro de Santa Maria de Sigena, que ela própria havia fundado no ano de 1188. A filha de Sancha, Constança, passou a viver com a mãe no mosteiro após a morte do marido, o rei Emérico da Hungria. Após cinco anos, ela deixou Aragão novamente para se casar com o imperador Frederico II do Sacro Império Romano-Germânico. Sancha morreu em Villanueva de Sigena no dia 9 de novembro de 1208. Foi enterrada no Mosteiro de Santa Maria de Sigena, em Aragão.

54081 2298. GUILHERME VIII DE MONTPELLIER

Senhor de Montpellier. (Guilhèm de Montpelhièr). Nasceu em 1158 em Montpellier, Herault, Languedoc-Roussillon, França e morreu em 4 de novembro de 1202 em Roma, Roma, Lazio, Itália.

Marido de *Eudóxia Comneno* em 1179 de quem teve: **Maria de Montpellier.** E de Inês Gomes de Manzanedo teve: Tomás de Montpellier de Tortosa; Raimundo Montpellier de Tortosa; Bernardo I Guilherme de Montpellier; Inês de Montpellier. E de Agnes de Castela de quem teve: Bernardo Guillen de Montpéllier.

54081 2299. EUDÓXIA COMNENO

INFANTA DE BIZÂNCIO

(Eudokia Komnena). Nasceu em 1162 em Constantinopla, Império Bizantino, Turquia e faleceu em 3 de fevereiro de 1202 em Rasca, Subotica, Vojvodina, Sérvia. Foi uma nobre bizantina. Foi enviada a Provença por seu tio, o imperador Manuel I de Comneno de Trebisonda, para casar-se com Afonso I de Aragão. Mas quando chegou até ele, ela e seu séquito viram que o rei já havia se casado com Sancha de Castela. Diante dessa situação, acabou se casando com Guilherme VIII de Montpellier em 1179, com a condição, jurada por todos os cidadãos de Montpellier, cujo primeiro filho varão, sucederia ao pai no senhorio de Montpellier. Em 1187, se divorciou porque

queria um herdeiro varão e Eudóxia foi enviada ao Monastério de Anhana, onde morreu em 1203. Na cultura trovadoresca: Pèire Vidal disse que dela, que o rei Afonso de Aragão havia preferido uma pobre castelhana que o camelo dourado enviado pelo imperador bizantino Manuel I. Os trovadores Folquet de Marselha e Giraut de Bornelh disseram que o título de imperatriz e disseram que era a filha do imperador do oriente, este feito tem levado a autores modernos a um equívoco em suas origens familiares. Outros trovadores como Guillermo de Puèglaurenc a identificaram corretamente como a sobrinha do imperador Manuel I. A parentalidade de Evdokia não é conhecida. Os Annales Pisani (provavelmente escritos [1182] registra que (l'Imperatore Emanuel) mandou seus enviados para organizar o noivado de (una sua nepote... al fratello del Re di Aragona). O casamento foi arquitetado com o objetivo de frustrar a influência do Imperador Frederico (Barbarossa) através de uma aliança com o Imperador Manuel I, mas o noivado foi encerrado pelo imperador Frederico, como suserano sobre o Conde de Provence, o imperador propondo (Goglielmo di Mompellieri) [Guillaume [VIII]] como uma alternativa adequada. Uma narrativa menos específica é fornecida pela mais tarde (e provavelmente mais duvidosa) Historia de Don Jaime I que registra que (nuestro abuelo el rey don Alfonso) abriu negociações (con el emperador de Constantinopla) para se casar com (la hija de este soberano), que o rei havia se casado com (doña Sancha hija del emperador de Castela), que não sabendo sobre esse casamento (el de Constantinopla) enviou (su hija al rey de Aragão), que sua comitiva soube do casamento do rei ao chegar a Montpellier, onde Guillermo de Montpellier arranhou para se casar com ela mesmo. A História Albigensium de Guillaume de Puylaurens refere-se à mãe de Maria de Montpellier, esposa de Pedro II, Rei de Aragão, como [*Græcam... neptem Emmanuelis imperatoris Constantinopolitani*]. A ausência de informações sobre Evdokia em fontes bizantinas sugere que ela provavelmente não era filha do imperador (especialmente porque ela teria sido porfyrogenneta), mas uma relação mais distante, assumindo que ela era um membro da família imperial. De acordo com Sturdza, ela era filha de Aleixo Komnenos, filho do sébastocrator Andronikos Komnenos (irmão mais velho do imperador Manuel I), mas ele não fornece nenhuma indicação da fonte primária (se houver) na qual essa especulação se baseia. Barzos sugere que ela era filha de

Isaakios Komnenos, filho do Imperador Ioannes II, escrevendo que se Eudokia [K. 143, de acordo com sua numeração] não fosse filha de Isaakios [K. 78], então ela seria filha de Ioannes [K. 128] [filho de Andronikos Komnenos sébastocrator]. No entanto, parece haver muitos fatores desconhecidos na genealogia da família Komnenos para argumentos por eliminação para ser confiável. O Papa Inocente III escreveu para Willelmo dominó Montispessulani, datado após 7 de setembro de 1202, sobre suas dificuldades conjugais. Tornou-se freira beneditina em Aniane.

54081 2300. BELA III ARPAD DA HUNGRIA

REI DA HUNGRIA - (4 março 1172 - 23 abril 1196)

(Bela Harmadik). Nasceu em 1148 em Esztergom, Komárom-Esztergom, Hungria e faleceu em 23 de abril de 1196 em Székesfehérvár, Fejér, Hungria e foi enterrado em Székesfehérvár, transferido para a Igreja de São Matias, Budapeste, Fejér, Hungria. Rei da Hungria (1172-1196). Ele foi educado na corte do imperador bizantino Manuel I, que planejava garantir sua sucessão no Império Bizantino até o nascimento de seu próprio filho. Após a morte de seu irmão mais velho, que lutava contra o Império Bizantino, Bela só pôde subir ao trono com a ajuda do imperador Manuel I e do papa Alexandre III, porque uma parte significativa da aristocracia húngara liderada por sua própria mãe e o arcebispo de Esztergom preferiu a sucessão de seu irmão mais novo. Bela foi um dos governantes mais poderosos da Hungria e também um dos monarcas mais ricos da Europa de sua época. Provavelmente foi ele quem começou a organizar a Chancelaria Real na Hungria. Em 1161, seu pai concedeu-lhe os ducados da Croácia e da Dalmácia como apanágio, que mais tarde foi confirmado por seu irmão, rei Estevão III, que subiu ao trono após a morte de seu pai em 31 de maio de 1162. Em 1164, o imperador bizantino Manuel I Komnenos concluiu um tratado com o rei Estêvão III e, de acordo com o tratado, Bela foi enviado a Constantinopla para ser educado na corte imperial. O imperador, que não tinha filhos legítimos, pretendia que Bela se casasse com sua filha, Maria Comnena, e eventualmente o sucedesse como imperador. Bela recebeu um nome grego, Alexius, e o recém-criado título de déspota, que gozava da mais alta posição de honra abaixo do imperador. Em

1164 e 1165, Bela seguiu o Imperador Manuel I em suas campanhas contra a Hungria, que visavam a ocupação da herança paterna de Bela, isto é, Croácia, Dalmácia e Szerémség. No entanto, quando o rei Estêvão III transferiu as três províncias para Manuel I, elas foram incorporadas ao Império Bizantino. No outono de 1165, Manuel designou oficialmente sua filha e Bela como herdeiros. No início de 1166, Manuel I e Bela co-presidiram o sínodo da Igreja Bizantina em Constantinopla. Quando Alexius nasceu como filho de Manuel e sua segunda esposa, Maria de Antioquia, em 1166, o noivado de Bela com Maria foi cancelado. Bela também foi privado de seu título e recebeu o título mais baixo de kaisar. Mas Manuel ajudou a negociar outro casamento para ele, desta vez com Agnes de Antioquia, que era a meia-irmã de Maria de Antioquia; portanto, por esse casamento, Manuel I e Bela se tornaram cunhados. Após o casamento, Bela (Kaisar Alexius) e sua esposa fizeram uma peregrinação a Jerusalém, onde ele fez uma doação para os Cavaleiros Hospitaleiros. Quando seu irmão, o rei Estêvão III, morreu sem filhos em 4 de março de 1172, Bela se tornou seu legítimo herdeiro. No entanto, alguns barões preferiram seu irmão mais novo, Géza, assim como sua mãe Euphrosyne. Bela concluiu um acordo com o imperador Manuel, que lhe forneceu uma grande quantia de dinheiro, enquanto prometia que nunca atacaria o Império Bizantino durante o reinado do imperador ou de seu filho. Quando Bela chegou à Hungria, Lukas, arcebispo de Esztergom, recusou-se a coroá-lo porque havia dado um presente ao enviado do arcebispo, e o arcebispo considerou o presente como uma tentativa de simonia. Assim, Bela foi obrigada a procurar ajuda do papa Alexandre III, que autorizou o arcebispo de Kalocsa a coroar Bela em 13 de janeiro de 1173. Após sua coroação, Bela prendeu seu irmão, mas Géza conseguiu escapar e fugiu para a Áustria. Henrique II não extraditou Géza para a Hungria; portanto, Bela fez uma aliança com o duque Sobeslav II da Boêmia e atacaram a Áustria. Géza tentou fugir para a corte do imperador Frederico I, mas foi preso pelos tchecos que o entregaram a Bela. Em 1178, Bela prestou assistência ao duque da Boêmia para forçar de volta os ataques do duque da Áustria. Bela queria alterar a administração de seu reino e ordenou que todas as questões discutidas pelo rei fossem colocadas por escrito. Essa ordem levou ao estabelecimento da Chancelaria Real na Hungria. Em 1179, depois que o arcebispo Andrew de Kalocsa o insultou, Bela convenceu

Lukas, arcebispo de Esztergom a excomungá-lo e ele ocupou as propriedades da arquidiocese. Pouco depois, através da intercessão do papa Alexandre III, Bela se reconciliou com o arcebispo Andrew. Após a morte do imperador Manuel I, em 24 de setembro de 1180, Bela retomou a Croácia, a Dalmácia e o Srem do Império Bizantino. No mesmo ano, Zára recusou lealdade a Veneza e aceitou seu governo. Em 1184, Bela ocupou Belgrado, Braničevo e o vale do rio Morava, que fora mantido pelo Império Bizantino. Em 1185, Bela fez as pazes com o novo imperador, Isaac II Angelos, que se casou com a filha de Bela, Margaret, e recebeu os territórios no rio Morava como seu dote. Após a morte de sua primeira esposa, Bela planejou se casar com Theodora Comnena, uma das sobrinhas do imperador Manuel I, mas a Igreja Bizantina proibiu seu casamento. Assim, Bela casou-se com Margarida da França, irmã do rei Filipe II da França e viúva de Henrique, filho mais velho do rei Henrique II da Inglaterra em 1186. Em 1188, o príncipe Vladimir II de Halych, destronado pelos boiardos, procurou refúgio em sua corte. Bela liderou seus exércitos contra Halych e ocupou-o, mas depois concedeu o principado a seu segundo filho, Andrew, e ele prendeu o príncipe Vladimir. Em 31 de maio de 1189, Bela acolheu Frederico I, que estava fazendo sua Cruzada na Terra Santa, e, a pedido do imperador, libertou seu irmão Géza, que partiu para o Império Bizantino. Depois, quando o imperador Frederico I entrou em polêmica com o imperador Isaac II, Bela mediou entre eles. Entretanto, o príncipe Vladimir II escapou da Hungria e reocupou seu principado. No outono de 1191, Bela teve uma reunião com seu genro, o imperador Isaac II, a quem ajudou contra Stefan Nemanja, o governante dos sérvios. Antes de sua morte, ele jurou liderar uma Cruzada à Terra Santa.

Casou por diversas vezes, a primeira em 1163 com Maria Comnena de quem não teve filhos. O segundo casamento foi com *Inês de Châtillon* de quem teve: Emerico I de Hungria; Margarida Maria de Monteferrat; **André II da Hungria**; Salomão da Hungria; Estevão; Constância de Hungria; Imre da Hungria; Geza da Hungria, Agnes da Hungria e István da Hungria. Em 1186, casou novamente, desta vez com Margarida de França (1158 – 1197), condessa de Vexin de quem teve: Guilherme Plantageneta. De Theodora Komnena não teve filhos.

54081 2301. INÊS DE CHÂTILLON

RAINHA CONSORTE DE HUNGRIA

(Ágnes Anna d'Antiochia de Chatillon, Agnès de Châtillon, Anne de Châtillon, Anna, Agnes de Antiochia). Nasceu cerca de 1154 e morreu em 1184 em Székesfehérvár, Fejér, Hungria. Inês era filha de Reginaldo de Châtillon, o príncipe de Antioquia, que tinha herdado o título através de sua esposa Constança de Antioquia. Reinado foi capturado em novembro de 1160 pelos muçulmanos e confinados em Aleppo, nos próximos 17 anos. Inês mais tarde viajou para Constantinopla, onde sua irmã Maria de Antioquia viveu como a esposa do imperador bizantino Manuel I Comneno. Uma vez que residia na corte imperial, Agnes tornou-se a fé ortodoxa e foi nomeado Ana, e por ordem de D. Manuel I casou em 1168 com Bela, príncipe húngaro, que também viveu na corte bizantina, e depois de se tornar ortodoxos, havia adotado o nome de Aleixo. O casal logo saiu em peregrinação para o Reino de Jerusalém, onde fizeram uma doação aos Cavaleiros Hospitalários. No verão de 1172, depois de saber da morte de Estevão III da Hungria, irmão mais velho de Bela, Agnes e seu marido retornaram ao Reino da Hungria para ocupar o trono vago. Entre os filhos do casal principal foram Emeric futuro da Hungria, nascido em 1174, e André II da Hungria em 1175. Agnes morreu em 1184 com mais de 30 anos de idade e foi sepultado na cidade de Székesfehérvár.

54081 2302. PEDRO II COURTENAY DE CONSTANTINOPLA IMPERADOR LATINO DE CONSTANTINOPLA - (1216-1217)

Nasceu em 1167 em Courtenay, Gatinais, Ile-de- França, França e faleceu em junho de 1217 em Epirus, Império Bizantino, Grécia. Senhor de Courtenay (1180-1219); Conde de Nevers (1185-1199), Auxerre e Trovão (1185-1219. Pedro acompanhou o seu primo, o rei Filipe II de França durante a Terceira Cruzada em 1190. Lutou contra os albigenses e esteve presente na Batalha de Bouvines em 1214. Quando morreu Henrique do Flandres, sem descendência em 1216, Pedro foi eleito seu sucessor. Pouco depois a frente de um pequeno exército partiu de França para tomar o poder nos seus novos domínios. Foi consagrado Imperador em Roma pelo Papa Honório III no dia 9 de abril de 1217. Depois deste ato solene e a bordo de barcos venezianos participou na conquista de Durazzo. No entanto, e dado o fracasso deste empreendimento teve de continuar por terra até

Constantinopla. Durante o percurso foi assediado pelo Déspota de Epiro, Teodoro Ángel. Foi feito prisioneiro durante dois anos, tendo depois falecido. Pedro nunca chegou a governar o seu império que foi parar nas mãos de sua esposa Iolanda de Hainaut.

Foi casado por duas vezes, a primeira com Inês de Nevers, condessa de Nevers, que lhe trouxe como dote três condados, o de Nevers, o de Auxerre e o de Tonnerre e de quem teve: Matilde de Courtenay de Nevers. O segundo casamento foi com *Iolanda de Hainaut* de quem teve: Margarida de Courtenay; Filipe III de Courtenay de Namur; Sibila de Courtenay; Elisabete de Courtenay; **Iolanda de Courtenay**; Roberto I de Courtenay, Imperador de Constantinopla; Inês de Courtenay; Maria de Courtenay; Henrique de Courtenay de Namur; Eleonore de Courtenay; Pedro III de Courtenay; Constância de Courtenay; Balduino II de Courtenay, Imperador de Constantinopla; N. de Courtenay e Agnès de Courtenay.

54081 2303. IOLANDA DE HAINAUT

IMPERATRIZ CONSORTE DE CONSTANTINOPLA

(Yolande de Hainaut, Yolande de Flanders). Nasceu cerca de 1175 em Flandres, Bélgica e morreu em 26 de agosto de 1219 em Constantinopla, Turquia.

54081 2304. Afonso VII de Castela

6762 0178

54081 2305. BERENGÁRIA DE BARCELONA

RAINHA CONSORTE DE CASTELA

Nasceu em 1116 em Barcelona, Espanha e foi crismada em Palência Espanha e faleceu em 2 de fevereiro de 1149. Também chamada Berenguera ou Berenguela foi uma partidária ativa do governo de seu esposo, aconselhando-o e a seu irmão Raimundo Berengário IV, conde de Barcelona, em sua conquista de Almeria na grande campanha militar de 1148, que usou navios genoveses. Também se dedicou ao patrocínio artístico e literário, apresentando a poesia dos trovadores provençais a Castela, e a peregrinação ao templo de Santiago de Compostela, onde seu corpo seria sepultado.

Esposa de *Afonso VII de Castela* de quem teve: Sancho III de Castela; Raimundo de Castela; Sancha de Castela; **Fernando II de Leão**; Constança de Castela; Garcia de Castela e Afonso de Castela.

54081 2306. Afonso I de Portugal	# 19480590
54081 2307. Mafalda de Sabóia	# 27046 8369
Pais de Urraca de Portugal	

54081 2314. Rodrigo Guterre Girón	# 27040 6194
54081 2315. María Royz	# 27040 6195
Pais de Elvira Roiz	

54081 2318. Paio Moniz de Ribeira	# 27040 6206
54081 2319. Urraca Nunes de Bragança	# 27040 6207
Pais de Maria Pais Ribeiro	

54081 2344. HENRIQUE VI DA GERMÂNIA

IMPERADOR DO SACRO IMPÉRIO ROMANO - (1191-1197)

(Henry de Hohenstaufun). (O Severo, o Cruel). Nasceu em novembro de 1165 em Nijmegen, Gelderland, Holanda e morreu em 28 de setembro de 1197 em Messina, Sicília e foi enterrado em Palermo, Sicília. Foi Duque da Suábia, Rei da Borgonha, da Sicília, dos Romanos, rei da Alemanha entre 1190 e 1197 e Imperador do Sacro Império Romano-Germânico entre 1191 e 1197 e Rei da Sicília entre 1194 e 1197. Foi coroado como rei dos romanos em Bamberg e como Imperador do Sacro Império Romano-Germânico em 1193, pela mão do Papa Celestino III na cidade de Roma, juntamente com a sua esposa. No ano de 1190 e também em 1193 tentou impor-se aos nobres alemães que lhe ofereciam resistência e eram liderados por Henrique XII de Baviera também denominado por Henrique, O Leão (Ravensburg, 1129 - Brunswick, 1195) e que tiveram a ajuda do papado e do rei de Inglaterra, na pessoa de Ricardo Coração de Leão, não tendo no entanto grande êxito pois apesar da vitória alcançada não obteve o seu principal objetivo que era converter em hereditário o trono da Alemanha que era sempre uma fonte de problemas da nobreza alemã com o papado e a Inglaterra. Em 1194 e depois dos seus intentos estarem derrotados recebeu o trono da Sicília em 1191 praticamente pela força das armas e depois de o haver reivindicado devido à herança por direito da sua esposa. Em 28 de Setembro de 1197 morreu na cidade italiana de Messina.

Marido de *Constança de Hauteville da Sicília* em 1186 de quem teve: **Frederico II da Germânia**, Sacro Imperador Romano-Germânico e Margaretha de Hohenstaufen.

54081 2345. CONSTANÇA DE HAUTEVILLE DA SICÍLIA IMPERTRIZ CONSORTE DO SACRO IMPÉRIO ROMANO

(Constança de Altavilla). Nasceu em 2 de novembro de 1154 em França e faleceu em 27 de novembro de 1198. Com sua morte terminou na Sicília a dinastia dos Altavilla e iniciou-se a dos Hohenstaufen de seu marido Henrique VI. Constança foi sepultada na Catedral de Palermo. Dante Alighieri a homenageou na Divina Comédia, Paraíso, canto 3, versos 109 a 120.

54081 2346. MANFREDO II DE BUSCA MARQUÊS DE SALUZZO

Nasceu cerca de 1140 em Itália e faleceu em 27 de fevereiro de 1215 em Saluzzo-Cuneo, Itália. Foi marquês de Saluzzo (1175-1212) e de Busca território localizado na comuna italiana da região do Piemonte, província de Cuneo. (Ubertus comes de Biandra, Mainfredus, marchio de Busca, Vilielmus, marchio de Bosco) testemunharam uma carta datada de 11 de fevereiro de 1197 sob a qual (Manfredus II, marchio Salutiarum) decidiu uma disputa entre Bonifazio, marchese di Monferrato e os côsules de Asti. (Mainfredus Lancea...) testemunhou uma carta datada de 20 de fevereiro de 1211 que registra um acordo entre (Mainfredus, marchio Saluciarum) e (Belengeris, marchio de Busca et filii eius Villelmus et Odo et Raimundus)

Marido de Alasia di Saluzzo (di Montferrato) teve: N. di Saluzzo; Agnès di Saluzzo; Boniface di Saluzzo; Manfredo III di Saluzzo, Marquês de Busca e Thomas de Saluzzo. E de *Branca Maletta* (*Bianca Lancia*) de teve: **Branca de Lancia**; Galvano II di Lancia; Corrado Lancia; Isabella Lancia; Federico di Lancia; Manfredo III Lancia; Guglielmo Lancia; Beatrice da Egna e Agnese Lancia.

54081 2347. BIANCA MALETTA

(Bianca Lancia), (a Velha). Nasceu cerca de 1180 em Paterno, Catânia, Sicília, Itália e faleceu em 1245.

Mulher ainda de Bonifácio de Lancia de quem não teve filhos.

54081 2348. THOMAS I DE SABÓIA

CONDE DE SABÓIA

(Tommaso I di Savoie). Nasceu em 27 de maio de 1178 em Castelo de Charbonnières, Aiguebelle, Rhône-Alpes, França e morreu em 8 de março de 1233 em Moncalieri, Piedmont, Itália, sendo enterrado em Aosta, Itália. Foi Conde de Sabóia desde 1189 até 1233. O seu nascimento foi considerado um milagre, dado que seu pai, monge, estava desesperado por um herdeiro varão. Já tinha sido casado com três esposas e de nenhuma delas tinha tido um filho homem. O Conde Humberto procurou concelhos junto de São Anselmo que o benzeu por três vezes e predisse uma profecia que foi verdade. Quando Tomás nasceu pouco depois São Anselmo morreu no dia 26 de junho de 1178. Em sua honra foi chamado de Tomás de Becket. Tomás era de menor idade quando o seu pai faleceu em 4 de março de 1189. Por esse fato foi estabelecido um concelho de regência, concelho esse composto por sua mãe, o primo do pai, Bonifácio I de Montferrat, e o Bispo de Saint-Jean-de-Maurienne. Tomás chegou à idade adulta em agosto de 1191. Tomás possuía as capacidades, a energia e o brilho que seu pai não possuía, e por esse facto o Condado de Sabóia gozou uma idade de ouro sobe à sua direção, mandou construir o Castello di Moncalieri para sua residência, tendo a partir dele controlado os seus domínios. Apesar da sua juventude começou por angariar a Noroeste novos territórios. No mesmo ano concedeu ao Vale de Aosta a Carta delle Franchigie em que lhe reconhece o direito de autonomia administrativa e política. Este direito manteve-se até à Revolução Francesa. Mais tarde Tomás conquistou o Cantão de Vaud, Bugey e Carignano. Deu apoio aos Hohenstaufen e foi apelidado e conhecido como Tomás o Ghibellino, devido à sua carreira como vigário imperial da Lombardia. Em 1195 Tomás efetuou uma emboscada à caravana do Conde Guilherme I de Genebra, que escoltava a filha do Conde, Margarida, a França para se casar com o rei Filipe II de França.

Tomás casou com ela, *Margarida Beatriz de Genebra* e tiveram os seguintes filhos: **Amadeu IV de Sabóia**; Humberto de Sabóia; Tommaso II de Sabóia; Aimone de Sabóia; Guilherme de Sabóia; Amadeo de Sabóia, Bispo de bispo de Mauriana e duque de Aosta; Pedro II de Sabóia; Filipe I, conde de Sabóia, arcebispo de Lion; Bonifácio de Sabóia, Arcebispo de Canterbury e primaz de Inglaterra; Beatriz de Sabóia; Alice de Sabóia, abadessa do Mosteiro de San Pierre

de Leão; Ágata de Sabóia, abadessa do Mosteiro de San Pierre de Leão; Margarita de Sabóia e Avita de Sabóia.

54081 2349. MARGARIDA BEATRIZ DE GENEBRA

(Marguerite Béatrix de Genève). Nasceu cerca de 1180 em Genebra, Suíça e morreu em 8 de abril de 1257 em Pierre Chatel, Isere, Rhone-Alpes, France e foi enterrada na Abadia de Hautecombe, Ontex, Rhône Alpes, Savoie, França.

Mulher ainda de Godofredo I de Challant, visconde de Aosta de quem teve: Ebal de Challant, visconde de Aosta.

54081 2350. HUGO III DE BORGONHA

DUQUE DE BORGONHA

Nasceu cerca 1148 em Borgonha, França e faleceu em 25 de agosto de 1192 em Israel e foi enterrado em Saint-Nicolas-lès-Cîteaux, Cote-d'Or, Borgonha, França. Foi duque da Borgonha de 1162 até à sua morte. Era o primogênito de Odo II, Duque da Borgonha, e de Maria de Blois, que regeu o Ducado até à sua maioridade. O governo de Hugo III marcou o fim de um período de paz relativa no Ducado da Borgonha. Homem beligerante envolveu-se em conflitos contra Luís VII de França pelas fronteiras dos seus domínios. Lutou contra o conde de Châlons em 1166, ajudado por Luís VII de França. Em 1171 partiu, com o conde Étienne I de Sancerre, para combater na Terra Santa. De volta à França, bateu-se com o conde de Nevers em 1174 e depois com o senhor de Vergy por lhe recusarem prestar vassalagem. Quando Filipe Augusto sucedeu a Luís VII em 1180, Hugo aproveitou a oportunidade para forçar vários senhores para alterarem a sua vassalagem da coroa para a Borgonha. Filipe invadiu o Ducado, cercando Châtillon. A cidade e os guerreiros, comandados pelo herdeiro Odo, renderam-se. Foi negociada uma paz, pela qual Hugo teve de pagar um elevado resgate pelo seu filho e abandonar as suas ambições sobre os territórios franceses. Em 1187, transferiu a capital do Ducado para Dijon, e tentou tornar a cidade num importante centro comercial. Depois da tomada de Jerusalém por Saladino, acompanhou o seu rei na Terceira Cruzada, participando da batalha de Ascalon e da tomada de Acre. Quando Filipe II voltou à França, confiou-lhe o comando das forças francesas. Combateu ao lado de

Ricardo Coração de Leão, sendo fundamental na vitória da batalha de Arsuf a 7 de setembro de 1191, morrendo em Tiro no ano seguinte.

Marido em 1165 com Alice de Lorena de quem teve: Odo III da Borgonha; Alexandre da Borgonha, criador do ramo dos senhores de Montagu; Dulce e Alice da Borgonha. Em 1183 repudiara Alice e casara-se em segundas núpcias com *Beatriz de Albon* de quem teve: André Guigues VI de Viennois; Mafalda da Borgonha e **Ana da Borgonha** e Maria da Borgonha.

54081 2351. BEATRIZ DE ALBON

Delfina de Viena. Nasceu em cerca de 1161 em Albon, França e faleceu em 15 de dezembro de 1228, no Castelo de Vizelle, Isere, Rhone-Alpes, França e foi enterrada na Abadia de Hayes, França. Delfina de Viena, de Viena e de Grésivaudan.

Esposa ainda de Hugues de Coligny, Senhor de Coligny-le-Neuf de quem teve: Béatrix de Coligny, senhora de Mallevall; Marquise d'Albon. E de Alberic Taillefe, sem filhos.

54081 2352. RODRIGO MUÑOZ DE GUZMÁN

Senhor da Casa de Guzmán. Nasceu cerca de 1100 e morreu depois de 1186.

Marido de Mayor Díaz de quem teve: **Pedro Rodríguez de Guzmán**; Álvaro Rodríguez de Guzmán, Senhor de Mansilla; María Ruiz; Fernando Rodríguez de Guzmán; Urraca Ruiz; Nuño Rodriguez de Guzmán; Rodrigo Rodriguez de Guzmán, Sancha Rodrigues de Guzmán e Tereza Ruiz.

54081 2353. MAYOR DÍAZ

Nasceu entre 1065 e 1115. Foi enterrada em Perales, Palencia, Castela e Leão, Espanha.

54081 2354. GÓMEZ GONZÁLEZ DE MANZANEDO Y DE ALEXIR

III Senhor de Manzanedo. Nasceu cerca de 1110 e morreu em 12 de outubro de 1182. Conde e Senhor de Manzanedo y Aza. Foi um rico-homem castelhano, neto do conde Gomes Gonçalves conde de Candespina e descendente dos condes de Castela. Alferes e depois mordomo-mor de Sancho III de Castela, conde graças ao rei Afonso VIII de Castela, também mordomo-mor do Fernando II de Leão e governador de várias tenências, o conde Gomes é o antepassado de

duas das linhagens castelhanas mais importantes da Idade Média: os Manrique e os Manzanedo. Seu avô, o conde Gomes Gonçalves, teve três filhos: um chamado Diogo que não teve descendência; Rodrigo Gomes, o pai do conde Gonçalo Rodrigues de Bureba; e Gonzalo Gomes. Este último é o que muitos historiadores e genealogistas modernos consideram como o pai de Gomes Gonzalez Manzanedo. Gomes teve provavelmente dois irmãos; Pedro Gonçalves, chamado de Villaescusa, e Rodrigo Gonçalves de Cevallos que também foi alferes real entre 1160 e 1171. Membro da cúria régia, o conde Gomes aparece pela primeira vez nos documentos medievais em 1146 durante o reinado de Sancho III de Castela de quem foi alferes real e depois, entre 1157 e 1158 seu mordomo-mor. Entre 1164 e 1161, substituiu a Fernando Rodrigues de Castro, o Castelhana, como o mordomo de Fernando II de Leão. Figura nos documentos leoneses com o apelido o Castelhana para distingui-lo de seu homônimo o conde galego Gomes Gonçalves de Trava. Em 1169, de volta a Castela, recebeu a dignidade condal do rei Afonso VIII. Governou várias tenências durante diferentes períodos, algumas por conta própria e outras compartilhadas, incluindo Calahorra, Liébana, La Pernía, Mudá, Cervera, Villafranca, Alba, Piedras Negras, Cereceda (em Burgos), Astúrias de Santillana e Castela a Velha que depois foi governada por seu filho Gil Gomes. Foi também um rico proprietário de terras em vários lugares, especialmente no Valle de Manzanedo que deu o nome a sua linhagem. O conde Gomes faleceu em 12 de outubro de 1182 conforme é registrado no obituário da Catedral de Burgos. Em 1147, na carta de foro concedida a San Juan de Tardajos, aparecem todos os irmãos exceto Rodrigo e Fernando Furtado: Ego comes Malricus, una cum fratribus et sororibus nostris Albar Petriz et Nun Petriz, comitissa domna Elvira, Mari Petriz, Milia Petriz, concedimus et confirmamus. O historiador Júlio González em sua obra sobre Afonso VIII, supõe que Gomes e Milia tiveram uma filha chamada Mafalda (Mahalda) esposa de Pedro Rodrigues de Guzmão, embora não aponte as referências. Jaime de Salazar y Acha opina que a Mafalda que se casou com Pedro Rodrigues de Guzmão, pode ser uma filha ilegítima do Guilherme VIII de Montpellier, nascida antes de seus dois matrimônios. Cfr. Salazar y Acha. *[El Conde don Gomez de Manzanedo era fu apellido de Campô, y porq librô y poble a Manzanedo, vfo defe apellido. Efte don Gomez era ya Cavallero anciano en el principio del*

Reynado de el Emperador don alonfo año de 1122. Y dize la general hiftoria en el principio del cap. 5 de la 4 parte que efte don Gomez de Mançanedo y Gutierre Fernandez de Caftro eftorvaron el cafamiento, que la Reyna Doña Vrraca queria celebrar con el Conde don Pedro de Lara, y alçaron por Rey al Emperador don Alonfo hijo de el Conde Remon y de la Reyna doña Vrraca, no embargante que ella era la Reyna proprietaria de Caftilla. Efte, dize el Conde don Pedro, tuvo hijos a don Gil Gomez, que murio fin fucefsion, y a doña Elvira, que cafô con don Pero Ruyz de Guzman, y a don Manrique Gomez]. (Nobleza del Andalvzia, Gonçalo Argote de Molina, Sevilla 1588. Libro Primero. Don Gomez Manrique Maestre de Calatrava gana a Alcaudete de los Moros, y el Rey don Fernando la da a la dicha Orden, y fucefsion de fu linage, y del linage de el Conde Fernan Gonçalez. Cap. CV. Pág. 117). Do matrimônio do conde Gomes com Milia Peres de Lara vêm os Manrique e os Vilalobos. Sua esposa, Milia Pérez de Lara, foi a filha de Pedro Gonçaves de Lara e da condessa Ava. Luís de Salazar e Castro, genealogista espanhol que viveu nos séculos XVII e XVIII, pensava que ela era a filha de Manrique Perez de Lara, realmente seu irmão. O historiador Gonzalo Martínez Díez tem conseguido esclarecer a verdadeira paternidade de Milia e suas conclusões são aceitas pela maioria dos historiadores e genealogistas modernos. Assim, de acordo com Martínez Díez, a linhagem dos Manrique não vem de Rodrigo Peres de Molina, filho de Pedro Manrique de Lara, que passou a maior parte de sua vida em Narbona onde aparece na documentação até 1208 e não participou nos eventos dos reinos da Península Ibérica. A confusão é devida à existência de dois homônimos: Rodrigo Peres de Molina, e Rodrigo Manrique, filho de Manrique Gomes de Manzanedo e neto dos condes Gomes Gonçaves Manzanedo e Milia Peres de Lara.

Marido de *Milia Pérez de Lara* de quem teve: Manrique Gómez de Manzanedo y Manrique de Lara; **Mafalda Gómez de Mançanedo**; Inês Gómez de Manzanedo; Gil Gómez de Manzanedo; Jimena Gómez de Manzanedo; Diego Gómez de Manzanedo e Pedro Gómez de Manzanedo. E de Mayor Manrique de Lara de quem teve: Matilde-Mafalda de Manzaneda y Lara.

54081 2355. MILIA PÉREZ DE LARA

Nasceu entre 1085 e 1135 e morreu antes de 6 de dezembro de 1186. A Casa de Lara é uma linhagem da nobreza espanhola, originária do Reino da Castela medieval, que deve seu nome à cidade burgos de

Lara de los Infantes. Dois de seus ramos, ambos da casa de Manrique de Lara, têm o posto de Grandes da Espanha da primeira antiguidade: os duques de Nájera e os marqueses de Aguilar de Campo. Os Laras tinham numerosos bens em Castela, Leão, Andaluzia e Galícia. Eles participaram ativamente do desenvolvimento político dos reinos de Castela e Leão entre o final do século XI e meados do século XIV, apoiando o monarca reinante, caso de Álvaro Núñez de Lara que se tornou regente de Henrique I de Castela, ou contra ele, participando de várias rebeliões da nobreza. Pedro I de Castela os desapropriou, sendo reabilitado por Henrique II de Castela. Posteriormente, os membros da casa de Manrique de Lara, filial secundária da casa de Lara, ocuparam cargos de relevância na administração e em diversas instituições. Os escritores Diego Gómez Manrique e Jorge Manrique pertenciam a essa linhagem. No século XVII, o genealogista e historiador Luis de Salazar y Castro dedicou-se à linhagem da Lara um extenso estudo em quatro volumes, um trabalho de referência no campo da genealogia nobre. O cronista Luis de Salazar e Castro atribuiu a origem da Casa de Lara aos Condes de Castela, alguns dos quais eram condes de Lara. O primeiro membro documentado da Casa de Lara foi Gonzalo Núñez (d. depois de 1106), o primeiro tenente documentado do Alfoz de Lara. Os tenentes de Lara aumentaram suas riquezas e propriedades em Castela, da Serra de Burgos em processo de repopulação, à Galícia, Leão e Andaluzia, graças à sua participação ativa nas guerras da Reconquista e seus laços estreitos com a casa real. No século XII, Pedro González de Lara apoiou, em 1113, a Rainha Urraca I de Leão contra o Rei Afonso I de Aragão e enfrentou Afonso VII em 1130. Rodrigo González de Lara, seu irmão, também confrontou o monarca, embora mais tarde o tenha apoiado contra a invasão dos almoravidas, saqueando as regiões da Andaluzia. Os irmãos Manrique, Álvaro e Nuño Pérez de Lara disputaram a regência do reino durante a minoria de Afonso VIII de Castela. Álvaro Núñez de Lara foi regente de Henrique I de Castela. Nuño González de Lara serviu Fernando III e Alfonso X de Castela, mas em 1270 liderou uma aliança de nobres contra o rei. Juan Núñez I de Lara, senhor de Albarracín por seu casamento com Teresa Álvarez de Azagra, oposição à coroação de Sancho IV, fugiu para a França, mas depois se juntou ao rei. Juan Núñez III de Lara liderou várias rebeliões contra Afonso XI. Finalmente, a família, que apoiava o

futuro Henrique II, foi despossuída por Pedro I, recuperando seu esplendor com o advento do trono de Henrique. - Brasão de armas: Prata com duas caldeiras de sabre (preta) colocadas na vara. Faustino Menéndez Pidal, *Los sellos de los Senhores de Molina*, Anuario de Estudios Medievales N.14; Editor Consejo Superior Investigaciones Científicas; Barcelona (Espanha) 1984; pp. 101-119. As armas com o campo de prata e as caldeiras pretas foram usadas pela Lara desde o aparecimento de símbolos heráldicos no século XII e por isso aparece nos armoriais do Rei das Armas do título de Aragão, Garci Alonso de Torres e do heráldico catalão Steve Tamborino, de acordo com a *Arauto Castellana* de Martín de Riquer. Representações dos braços da casa de Lara estão na Igreja de San Antonio de Ibiza, na bandeira de Juan Núñez de Lara da miniatura do Códice da Coroação, nas pinturas medievais do castelo dos Calatravos de Alcañiz, no Salón del Tinell em Barcelona e na cofia encontrada no túmulo do Panteão Real do Mosteiro de Santa María la Real de Las Huelgas de Burgos do jovem rei Henrique I de Castela morreu de acidente, aos 14 anos de idade, em maio de 1217, quando ele estava sob a proteção de Álvaro Núñez de Lara exibido no Museu do Mosteiro de Las Huelgas de Burgos. Os caldeirões representam as numerosas tropas que a casa recrutou entre seus vassallos e simbolizam o poder de pagar e alimentá-los às suas custas. O emblema das caldeiras sempre identificou a Casa de Lara, uma vez que é conhecida pelo seu uso pelos descendentes do Conde Pedro González de Lara, falecido em 1130. Os selos sobreviventes mais antigos em que você pode ver os motivos heráldicos das caldeiras datam do século XIII. - Casa de Manrique de Lara: Um ramo que deriva da casa de Lara cujos descendentes alcançaram além da Idade Média foi o da Manrique de Lara, por linha feminina através de Milia Pérez de Lara casada com o Conde Gómez González de Manzanedo. No século XV, os Lara apoiaram os monarcas católicos durante a guerra contra os partidários de Juana la Beltraneja. A casa de Manrique de Lara detinha alguns dos títulos mais importantes de Castela, como os de Duque de Nájera e Marquês de Aguilar de Campo, todos eles entre os grandes de posse da Espanha. Em 1520, Carlos I da Espanha distinguiu a Casa de Lara com a dignidade do Grande Colar da Espanha nas pessoas de seus mais importantes representantes, o Duque de Nájera e o Marquês de Aguilar de Campo, distinção posteriormente também concedida ao Conde de Paredes de

Nava e ao Conde de Osorno. Durante os reinados de Carlos I e Filipe II, os Manrique de Lara ocuparam posições importantes como vice-rei, capitães-gerais, embaixadores e cardeais. Foram desta casa também vários membros da hierarquia da Igreja Católica e numerosos cavaleiros das ordens militares e do Velo de Ouro, como o I Conde de Paredes de Nava que se tornou Mestre da Ordem de Santiago. Eles também pertenciam ao Manrique de Lara literati, como Jorge ou Gómez Manrique.

54081 2376. NUÑO GUTERRES

2º Senhor de Castanheda. (Manho, Muño). Nasceu em Cantábria, Espanha. De linhagem nobre, com nome derivado de um local muito antigo no vale de Castañeda na Cantábria. Os autores tentaram explicar o nome da casa e as suas origens de muitas maneiras diferentes, perdidas nas sombras do passado; mas a maior autoridade concorda que o pai de sua linhagem foi Conde Gutierrez Rodriguez, que viveu no final do século XI. Tal Conde Gutierrez Rodriguez foi o primeiro Senhor de Castañeda por ter se casado com uma mulher que havia saído em um antigo e poderoso da casa, que tinha em Manor vale Castaneda.

De uma desconhecida teve: D. **Gome Muñoz de Castanheda.**

54081 2377. Desconhecida

54081 2378. FRUELA DÍAZ DE CIFUENTES CONDE DE LEÃO

(Froila Didaci, Didaz, Froila Diaz). Conde em Leão, Astorga, El Bierzo, Aguilar, Cifuentes e Valdeor. Nasceu entre 1084 e 1112 e morreu em 1119. Foi um nobre no Reino de Leão, a figura dominante no centro do reino durante o reinado tardio de Afonso VI e o início do reinado de Urraca. Um homem de grande riqueza privada que expandiu suas terras através de inúmeras compras, ele foi capaz de casar a realeza e manter bons termos com seus soberanos de Leão, bem como com os governantes da Galícia e Portugal, cujos territórios estavam imediatamente a oeste de sua área de influência. Ele também fundou um hospital, uma pousada de viajantes e um assentamento que cresceu em uma cidade. Suas terras ergueram alguns dos cavalos mais valiosos da Espanha, ele foi enterrado no panteão real dos reis

de Leão, e seu alto posto, mais alto do reino, depois do rei e dos governantes da Galícia e Portugal e é lembrado no mais famoso dos cantares de gesta. - Origens e serviço a Raimundo da Galícia - A árvore genealógica de Fruela Díaz: As origens de Fruela estavam nas Astúrias, embora sua paternidade não esteja explicitamente declarada em fontes sobreviventes. Ramón Menéndez Pidal acreditava que Fruela era irmão de Jimena Díaz, esposa de Rodrigo Díaz de Vivar, mas isso é improvável. Na verdade, a esposa de Fruela era irmã de Ramiro Sánchez, marido da filha de Rodrigo, Christina. Foi sugerido que Fruela era filho de Diego Ansúrez e, portanto, sobrinho de Pedro Ansúrez, mas essa hipótese tem pouco a recomendá-la além do patronímico Díaz (filho de Diego). O pai de Fruela provavelmente era Diego Pérez, filho de Pedro Flaínez e Bronilde. Sua mãe era prefeita (Maria) Fróilaz, filha de Froila Muñoz. Uma carta da Catedral de Oviedo, datada de 5 de abril de 1078, diz em parte: (Eu, Mayor Fróilaz, conhecida como Maria, ao mesmo tempo com meus filhos chamados Fruela Díaz e Antonio Díaz, que são filhos de Diego Pérez e netos do Conde Pedro Flaínez ... O registro mais antigo sobrevivente de Fruela data de 1069. Seu irmão mais velho, Antonio, morreu jovem e Fruela, como o único filho do sexo masculino sobrevivente, herdou as propriedades de seu pai. Os arquivos do ramo de Fruela da família Flagínez foram preservados no mosteiro de Santa Maria de Oteros de las Dueñas, o único caso de registros de uma família nobre sendo preservado da Alta Idade Média espanhola. Além disso, conserva-se no tumbo da Catedral de Santa Maria, em Leão (doc. 11, fol. 83) uma breve genealogia de Antonio e Fruela, então crianças, como parte de um diploma pelo qual sua mãe doou o mosteiro de San Pedro de Valdoré para a catedral em dezembro de 1073. Fruela serviu o Conde Raimundo da Galícia como mordomo-mor, o mais alto oficial da corte, de 1094 a 1096, pelo menos, e talvez até 1106. Ele pode ter ocupado o cargo durante toda a senhoria de Raimundo (1090-1107), mas a documentação sobrevivente insuficiente não permite que o caso seja comprovado. Uma análise das cartas que ele confirmou para o Conde Raimundo mostra que ele era um membro regular ... da comitiva que se reuniu em torno de [Raimundo] durante o último circuito da Galícia nas primaveras tardias e início dos verões, mas não uma instalação na corte de Raimundo. Nas disputas do conde com o rei, Fruela ficou abertamente do lado de Raimundo. Fruela foi

proeminente o suficiente na corte real, no entanto, confirmando um terço de todas as cartas reais dadas durante a última parte do reinado de Alfonso. - Feudos da coroa: O mosteiro fortificado de San Vicente del Pino fica em uma colina com vista para Monforte de Lemos. Escavações arqueológicas em 2007 indicam que o Castro Dactonio provavelmente estava no mesmo morro quando Fruela fundou a cidade a seu pé em 1116. Ambos os avôs de Fruela eram condes e em 14 de maio de 1087 ele também ocupava esse posto. Pouco tempo depois, em 1091, foi concedido o feudo (tenencia) de Valdeorras na Galícia, que manteve até 1104. Tais tenencias foram realizadas ad imperandum, a ser governada e poderiam ser revogadas pelo monarca a qualquer momento. Eles eram distintos das propriedades privadas do conde, terras ad possidendum, que ele possuía e que o monarca não poderia alienar. Os únicos outros feudos que ele manteve por mais de um ano ou dois foram Sarria (1098-1103), Larín (1102-06), e a importante cidade episcopal de Astorga (1107-17). O governo de Astorga provavelmente tinha direitos limitados na própria cidade, mas amplos poderes na região circundante. É com Astorga que Fruela é mais comumente associada após 1107. Em 10 de abril de 1104, de acordo com uma carta real agora perdida, Fruela e sua esposa fundaram um assentamento ao pé do castelo chamado castro Dactonio no feudo da Sarria em terras de propriedade do mosteiro de San Vicente del Pino. Este assentamento tornou-se a cidade de Monforte de Lemos, que Fruela manteve como tenencia até 1111, quando passou para Rodrigo Vélaz. No final de sua vida, Fruela adquiriu brevemente os feudos de Aguilar (1111-12), Riba de Esla (1113) e Cifuentes de Rueda (1117-19). Ele também governou o Bierzo por um tempo, provavelmente em 1115. Em 1116, ele fez uma doação de terras em Puerto de Pajares para os canhões agostinas da igreja colegiada de Santa María em Arbas del Puerto. Esta terra, nas montanhas das Astúrias, destinava-se à construção de um albergue para viajantes, que funcionava até o final de 1835. O texto completo do diploma foi agora perdido, e suspeita-se que ele possa ter incluído uma vontade e testamento mais completos, uma vez que Fruela era então na velhice. Casamento e relações privadas: Fruela casou-se com Estefanía Sánchez, filha de Sancho Garcés, um filho ilegítimo de García Sánchez III de Navarra, e sua esposa Constance. Ela possuía terras no Rioja, perto de Calahorra, mas pode tê-las vendido para

comprar terras mais próximas às propriedades de seu marido. Eles se casaram em 1085, e em 11 de setembro de 1087 Fruela deu a sua esposa arras. Seu pedigree real foi mencionado em uma concessão de terra em Astorga que receberam de Henrique de Portugal em 1 de março de 1112, que incluía a Torre Cornellera e dez seções do muro da cidade. Ela sobreviveu ao marido por pelo menos dez anos: em 18 de abril de 1129 ela concedeu um fuero a Villarmildo. Os filhos do casal eram Constance, Diego, Maria e Ramiro. As terras patrimoniais de Fruela continham alguns dos principais pastos de cavalos da Espanha, e ele foi capaz de dar à rainha um cavalo no valor de 5.000 solidi em 1116. O famoso cavalo de guerra Baviaca foi dito, embora erroneamente, ter vindo das terras de Fruela. Fruela e Estefanía foram mais atuantes na aquisição de imóveis (gananciales) por meio de transações privadas entre 1088 e 1113. Com vinte e três dessas trocas tendo deixado registros, seu caso é um dos mais bem preservados do seu tipo: transações de terras privadas, especialmente compras aristocráticas de camponeses, aumentaram dramaticamente na Espanha entre o final do século X e início do século XII. Alguns dos ganhos de propriedade do casal no início do século XI eram da forma de reembolsos de empréstimos, embora esse tipo de transação desapareça dos registros completamente no século XII. Em 1118, um certo Martín Eitaz, condenado por assassinar um dos servos de Fruela, foi forçado a se tornar seu servo para sempre ou até ser libertado por um pagamento. - Serviço à Rainha Urraca: Fruela foi um dos magnatas que testemunhou o primeiro ato gravado da Rainha Urraca, em 22 de julho de 1109, e reconheceu implicitamente sua alegação de ter sido concedida todo o reino (regnum totum) por seu pai, Afonso VI, pouco antes de sua morte. Este importante documento que Fruela assina como legionário comes (conde de Leão), um título de alto som que provavelmente era honorífico e tinha sido associado há muito tempo com o Flagínez. Em 17 de novembro de 1110, ele assinou um documento como comes na terra de legione et in gralare (conde na terra de Leão e em Grajal), talvez uma autoridade especial associada com o colapso das relações entre Urraca e o Rei de Aragão, Afonso, o Batalhador, que também era seu marido. Em 1112, Fruela recebeu um presente real de propriedades em Ulvayo da rainha, por serviço leal, e ele retribuiu sua generosidade com o presente de um cavalo no valor de um magnífico 5.000 solidi, equivalente na época a 5.000 ovelhas.

Um cavalo que vale tanto só poderia ser destinado aos estábulos reais e cavaleiro real, a própria rainha, e ilustra a enorme riqueza pessoal de Fruela. Em 1115, quando Urraca e Afonso lutavam pelo controle do importante sítio monástico de Sahagún, Fruela estava agindo como conde em Ceia (Ceón) apenas ao norte. Em 9 de dezembro de 1117, Fruela testemunhou a segunda carta emitida pelo filho de Urraca, Afonso Raimúndez, a quem os galegos haviam feito co-governante contra sua vontade em 1111. Embora a linguagem e o nome do tabelião possam sugerir que ele foi interpolado, o documento, feito em Sahagún, refere-se a Afonso com o título imperator (imperador). - Morte, enterro e reputação: O Panteón onde Fruela é supostamente enterrado foi chamado de Capela Sistina da România Espanhola por seus afrescos de teto bem preservados e de alta qualidade. Quando Fruela morreu no verão de 1119, ele passou Cifuentes para seu filho mais velho, Diego, que se tornou alferes de Afonso VII em 1137 e morreu prematuramente em 1040, deixando uma filha, Estefanía Díaz, que foi deserdada por seu tio, Ramiro, quando ela se casou sem seu testamento. Ramiro então recebeu Cifuentes. Em 1198 Cifuentes recebeu um fuero do filho de Ramiro, Froila Ramírez, e permaneceu com sua família até o século XIII. A filha mais velha de Fruela, Constance, morreu na flor da juventude, enquanto a mais nova, Maria, casou-se duas vezes: primeiro com um magnate galego, Melendo Núñez, e segundo ao conde Pedro Alfonso. Fruela e Estefanía podem ter sido enterradas no Panteón de los Reyes na igreja de San Isidoro de Leão entre seus parentes do clã Flagínez. Prudencio de Sandoval alegou encontrar os sepulcros da condessa Estefanía que dotou esta igreja, e do conde Dom Fruela, um grande cavaleiro de armas entre dez de sua família na terceira fileira de enterros na capela principal ou no Panteón (não está claro qual). As inscrições de identificação, no entanto, já eram ilegíveis na época de Manuel Risco, e hoje as conclusões de Sandoval não podem ser verificadas. A reputação póstuma de Fruela pode ser avaliada a partir das linhas 3000-3006 do Poema del Cid (c.1140), onde ele é colocado no segundo nível de nobreza, imediatamente abaixo de Afonso VI, Henrique de Portugal e Raimundo da Galícia, todos os quais serviu em sua longa carreira. Este é o início da passagem Cortes de Carrión: Estava a chegar o prazo, queriam ir ao Tribunal, os primeiros foram o bom rei D. Afonso, o conde don Anric e o conde don Remond: este era o pai do bom

inspetor: o conde don Fruella e o conde don Beltrán. Havia muitos outros Sabidores de seu reino, todos os melhores de toda Castela. Ou o tempo chegou, quem quis ir à Corte, entre a primeira foi ou bom rei Afonso, ou o conde Dom Henrique e ou Dom Raimundo: aquela era ou pai do bom imperador: ou o conde Dom Fruela e ou o conde Dom Bertrand. O foram e do reino muitos outros sábios, Castela todos os maiores.

Marido de *Estefanía Sánchez de Navarra* de quem teve: Ramiro Sánchez Froilaz de Cifuentes; **María Frólaz de Navarra**; Diego Froilaz de Cifuentes; Pedro Froilaz de Cifuentes e María de Lemos y Sarria.

54081 2379. ESTEFANÍA SÁNCHEZ DE NAVARRA

Nasceu cerca de 1108.

Esposa ainda e Fruela Ramírez, sem filhos.

54081 2380. ALVARO RODRÍGUEZ DE LAS ASTÚRIAS Y NAVA Y NOROÑA

Nasceu antes de 1205 na Espanha.

Marido de *Elvira Perez de Azagra* de quem teve: **Ordoño Alvarez de las Astúrias y Nava**, Governador de Astúrias.

54081 2381. ELVIRA PEREZ DE AZAGRA

Nasceu entre 1105 e 1165.

54081 2382. GARCIA PIRES DE BRAGANÇA

Senhor de Ledra. Nasceu cerca de 1155 em Portugal e morreu depois de 1206. Foi senhor de Ledra, um rico-homem e cavaleiro medieval do reino de Portugal e ainda mordomo-mor de Afonso IX de Leão em 1196. Pertencia a uma das mais notáveis linhagens do Reino de Portugal, os Bragançons. Esta família reveste-se de especial importância, pois para além do seu domínio incontestável na atual região de Trás-os-Montes, que integrava os seus domínios fronteiriços, que podiam facilmente mudar a fação do reino que apoiava (entre Portugal e Leão), destacava-se a sua reputação de valentes guerreiros. A acrescentar a estas qualidades, e a acreditar nos Livros de Linhagens, o seu trisavô, Fernão Mendes I, teria casado com uma Infanta filha de Afonso VI de Leão, dando-lhe desta forma um poder equiparável ao do seu suposto cunhado Henrique de Borgonha.

- Na corte - Em Portugal: Garcia Pires teria aparecido na corte de Sancho I de Portugal pela primeira vez por volta de 1186. Apesar de

não ter desempenhado nenhum cargo curial, parece ter ganho rapidamente a confiança do monarca, pois dele recebeu várias doações, nomeadamente Castro, Algariz e Midões, vilas da freguesia de Suções (Mirandela), e também em Ledra. A rápida confiança que adquiriu não era de admirar, dado que poucos anos antes o seu pai fora Mordomo-mor de Afonso I de Portugal. Note-se também que Pedro era ainda vivo e na altura em que Garcia entrou na corte o pai ainda a frequentava, não sendo de rejeitar a probabilidade de o senhor de Bragança poder estar por detrás da grande e prematura doação que o filho recebeu. O seu casamento foi também muito prestigiante, de fato, Gontinha Soares de Tougues era filha de Elvira Gonçalves de Sousa, que, para além de ter sido dama de companhia da Infanta Teresa, filha de Afonso I, era neta de Gonçalo Mendes de Sousa, amigo próximo daquele mesmo monarca e um poderoso magnata que, como o pai, também havia exercido a Mordomia. Em agosto de 1192, confirma, juntamente com o seu irmão Vasco Pires de Bragança, uma doação do rei de Portugal ao seu sobrinho, Fernão Fernandes de Bragança (filho do irmão de ambos, Fernão Pires de Bragança) e à respetiva esposa, Maria Pires, das vilas de Sezulfé, Vimioso e Mascarenhas. - Entre Portugal e Leão: À semelhança do seu pai, é provável que em determinado momento tenha deixado a corte portuguesa para se instalar no reino vizinho, onde terá servido Afonso IX de Leão como Mordomo-mor, uma vez que surge com este mesmo cargo no Reino de Leão em 1196. De qualquer forma, regressa pouco depois a Portugal, uma vez que surge na documentação da corte portuguesa até 1206, ano em que subitamente deixa de confirmar documentos, o que significa que abandonou a corte. Provavelmente, terá falecido pouco tempo depois. - Papel fundiário: Quer por herança, quer por doações régias, é certo que os domínios de Garcia Pires se localizavam essencialmente nas terras de Mirandela e Ledra, onde o seu domínio deveria ser tão marcante que ficou cognominado como, o Ledrão. Uma governação que parece até digna de nota, uma vez que não se encontram, nas Inquirições Gerais posteriores, qualquer menção a roubos ou violências da sua parte, fazendo dele um caso raro tendo em conta o historial familiar. Tal como os pais, foi também um grande beneficiador da Ordem do Hospital, fazendo-lhes largas doações nos seus domínios. Uma delas foi Guide, registada pelas Inquirições, de cuja vila a Ordem detinha dois terços. - Confusões no